

O novo tempo

ARMANDO BRITO DE SÁ*

Alguns factos ocorridos no âmbito da nossa especialidade nos últimos meses merecem atenção. O Colégio da Especialidade de Medicina Geral e Familiar (MGF) submeteu um programa da especialidade de MGF¹ que foi aprovado pelo Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos; um extenso documento publicado pela Comissão de Acompanhamento e Avaliação do Regime Remuneratório Experimental (RRE) confirma de modo inequívoco a superioridade do RRE sobre o modelo convencional de prestação de cuidados em MGF²; a escolha de especialidade após os exames de acesso de 2004 confirma a tendência de segunda ou terceira escolha e o reduzido prestígio da MGF; na Direcção Geral da Saúde uma comissão estuda o problema do excesso de atestados médicos solicitados ao médico de família, enquanto outra estuda a pertinência da emissão pelo médico de família de atestados para carta de condução aos indivíduos com mais de 70 anos, em substituição dos médicos de saúde pública. Temos, assim, e em resumo: um programa formativo de quatro anos; um modelo de prestação de reconhecida qualidade; uma especialidade sem prestígio junto dos seus pares e da sociedade; mais tarefas a juntar à carga presente do médico de família.

Paralelamente existe uma evolução do Serviço Nacional de Saúde no sentido da sua *desestatização*, termo que prefiro ao de *privatização*, este de sentido bem mais ominoso. A desestatização, que no nosso âmbito mais não é que a tendência expressa pelo RRE, cria oportunidades de evolução imensas para a nossa especialidade. Não podemos é ficar sentados à espera de que alguém decida por nós. Se o fizermos seremos rapidamente engolidos pela maré de re-

organizações, aquisições e entregas por atacado que se configuram. É interessante notar que, em outras áreas, pensadores distintos têm vindo a exprimir uma ideia semelhante, ecoando John Kennedy no seu discurso inaugural como Presidente dos Estados Unidos da América em 1961: *Ask not what your country can do for you; ask what you can do for your country*³. Diz recentemente Eduardo Lourenço: *É Portugal que precisa de se aproximar dos níveis de qualidade, de organização e vida de Europa, não a Europa que precisa de Portugal. [...] Europeizemo-nos, sim, mas de dentro*⁴.

Precisamos, assim, de uma nova atitude. Precisamos de, urgentemente, deixar de olhar para o Estado português como a Grande Mãe. Não esperemos que alguém, ministério, governo, direcção geral, director de centro de saúde, ordem, associação, sindicato ou seja qual for a organização, faça o trabalho que temos de ser *nós*, individualmente ou em grupo, a fazer. Esse trabalho é o da busca de formas alternativas de exercer a nossa especialidade fora do modelo, hábitos e limitações do costume. Não há mais *nós* e *eles*, sendo «eles» os responsáveis das diversas instituições que falam pelos médicos, de família ou de outras especialidades. As organizações médicas são indispensáveis, por terem a capacidade legal de intervenção social; elas, contudo, não são mais que *instrumentos*. Instrumentos que deverão ser utilizados por cada um consoante as suas convicções, capacidades, interesses e expectativas. Não basta votar tranquilamente, de preferência pelo correio para dar menos maçada, e esperar que «os eleitos» resolvam os nossos problemas ou funcionem como bodes expiatórios de responsabilidades colectivas. Quer a Ordem dos Médicos quer a

*Director da Revista Portuguesa de Clínica Geral

APMCG tiveram eleições; novos órgãos dirigentes iniciam mandatos agora. Nestas, como nas restantes organizações médicas, toda a colaboração é pouca e sempre bem vinda. Este é um excelente momento para aqueles que têm tido uma atitude mais espectadora usarem a sua experiência e conhecimentos para o progresso da causa comum. É um ótimo momento para os mais novos, nomeadamente os internos, fazerem ouvir a suas expectativas e construir o seu futuro. Sermos europeus, sermos médicos de corpo inteiro, é sermos participantes activos no que nos diz respeito.

Porque o futuro é hoje.

Com este número da Revista Portuguesa de Clínica Geral cessa funções a presente equipa editorial (Fig. 1). À nova equipa, dirigida por Jaime Correia de Sousa, desejamos os maiores sucessos.



Figura 1. A equipa editorial da RPCG no triénio 2002-2004. Da esquerda para a direita: Armando Brito de Sá, Teresa Ventura, Ana Ferrão e Mário Santos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Direcção do Colégio da Especialidade de Medicina Geral e Familiar da Ordem dos Médicos. Programa de Formação do Internato Complementar de Medicina Geral e Familiar (MGF). Lisboa: Ordem dos Médicos; 2004.
2. Comissão de Acompanhamento e Avaliação. Regime Remuneratório Experimental dos Médicos de Clínica Geral. Lisboa: Direcção Geral de Saúde; 2004.
3. Inaugural Address, Kennedy Draft, 01/17/1961; Papers of John F. Kennedy: President's Office Files, 01/20/1961-11/22/1963; John F. Kennedy Library; National Archives and Records Administration. In URL: http://www.classbrain.com/artteenst/publish/printer_102.shtml [acedido em 8/12/04].
4. Lourenço E. Velada de armas. Visão 2004; n° 615:48.